

# Esotéricos para não enlouquecer

*O brasileiro vai compondo uma crença feita de retalhos de várias seitas. É a forma que encontrou para sobreviver*

Ele se chama Paulo Coelho, costuma fazer meditação e recitar mantras budistas. Está no quinto casamento e tem sete filhos com três mulheres diferentes. Não, não se trata do escritor best seller de livros de auto-ajuda, seu xará famoso. O Paulo desta história é professor universitário. Mas, assim como o escritor, ele também está envolvido com esoterismos e misticismos. No dia-a-dia e num curso semanal muito concorrido na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). O budista Paulo é um dos milhares de adeptos brasileiros das novas e difusas religiosidades deste fim de século.

“Em Brasília, ou as pessoas tornam-se neuróticas ou se equilibram de alguma maneira. Ou vai ou racha. É a única cidade diferente do país. Os relacionamentos interpessoais são de outra índole e as pessoas tendem para a reflexão, a introspecção”, acredita Paulo.

Também pensa assim o gaúcho Shakiamuni, nome que ganhou nas suas peregrinações espirituais à Índia. Antes o rapaz se chamava Marcos, nome que prefere nem lembrar hoje em dia. “Nem minha mãe me chama de Marcos”, diz. Ele acredita que, devido à natureza da região, há um equilíbrio que se reflete no cotidiano das pessoas. “Aqui é possível reunir shopping center e cachoeira e encontrar a calma necessária para a meditação”, reflete.

## O DEUS DE CADA UM

Apesar da diversidade de grupos místicos e esotéricos, “há pontos em comum a praticamente todos eles: Unidade na diversidade. Carma e reencarnação. Visibilidade do eu superior. O mundo é uma ilusão. Divinização do indivíduo. Psicologização da religiosidade. Holismo. Ecumenismo”, informa a pesquisadora Deis Siqueira.

A procura do auto-aperfeiçoamento ou desenvolvimento espiritual une as diversas tribos. Para todos eles, Deus é visto não como algo exterior, mas encontra-se dentro de cada um. O que elas chamam de divinização do indivíduo. “Deus está disseminado em todas as coisas, está dentro de você”, recita Shakiamuni. Ele edita o jornal mensal Guia Lótus, publicação que dá um mapa aproximado de todas as formas de religiosidades alternativas da cidade. “Deus é o princípio supremo que rege o funcionamento da vida”, ensina o professor Paulo, que não pensa na divindade como uma concepção antropomórfica ou uma entidade absoluta.

As novas religiosidades redefinem o papel do coletivo na vida dos adeptos. “Ao se melhorarem como pessoas, estariam melhorando o mundo”, diz Deis. “Caridade, piedade, solidariedade, virtudes consideradas pelas outras religiões tradi-

cionais estão fora dos interesses desses grupos”, lembra Deis. Não há qualquer apelo aos movimentos sociais, à política tradicional.

“Esses grupos são mais libertários. Não há a obrigação de seguir regras e eles olham respeitosamente as outras religiões” define Deis. Para ela, “algo novo está sendo gestado. É criatividade cultural agindo sobre essas visões de mundo”, completa.

Esse universo cultural cria um estilo de vida para os seus adeptos. Compreende uma infinidade de terapias alternativas, diferenças na alimentação (mais voltada para o natural), cristais, duendes, anjos, uma fortíssima valorização dos orientalismos, Do In, Tai Chi Chuan, Acupuntura, I Ching, Tarô, Runas, Astrologia e outras formas adivinhatórias.

## MOSAICO DE SEITAS

Quem se interessa pela religiosidade não convencional em geral experimenta vários grupos e vai cons-

truindo o que as pesquisadoras chamam de bricolagem, uma salada com pedaços das várias seitas. “É o indivíduo compondo a sua própria religiosidade. Os grupos se dissolvem, são recriados sob nome

“OS GRUPOS SE DISSOLVEM, SÃO RECRIADOS SOB NOME DIFERENTE, COM NOVOS PARTICIPANTES”

Deis Siqueira  
pesquisadora

diferente, com novos participantes, e fundem características de grupos anteriores”, explica Deis.

O professor Paulo passou por algumas experiências, antes de se definir budista. Amazonense, de formação católica, ligado à contracultura da época, Paulo chegou a Brasília em 1962. cursou Direito e Letras. Para entender certas experiências místicas que vivia — “algumas visões, coisas muito privadas”, esquivava-se ele —, Paulo entrou na Antiga e Mística Ordem Rosa Cruz (Rosa Cruz — Amorc). Daí, tempos depois, passou para a Sociedade Teosófica. Em 1979, fazendo doutorado na França, o professor converteu-se ao Budismo.

“Há denominadores comuns nas várias formas de espiritualismo”, diz Paulo. “E o budismo é extremamente heterogêneo”, reconhece. Todas as ex-mulheres e a atual de Paulo são professoras universitárias. Apesar de demonstrarem algum interesse intelectual pelo tema, nenhuma delas acompanhou a religiosidade do marido. Nem qualquer um dos sete filhos. “Não catequizeo”, admite ele.

Os questionários da pesquisa foram aplicados em Alto Paraíso, Santo Antônio do Descoberto, Brasília e no Vale do Amanhecer. O trabalho virá livro no próximo ano, editado pela Paralelo 15, de Brasília. E traz algumas surpresas. Definitivamente, místicos e religiosos acreditam que Brasília e a região do Planalto Central estão predestinadas a ter um papel relevante no próximo milênio. (Newton Araújo Jr.)



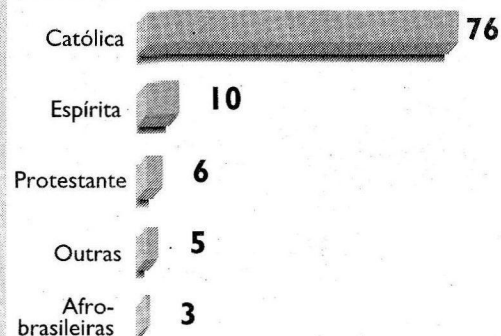
Paulo Coelho é budista, tem sete filhos e acredita que em Brasília “ou as pessoas tornam-se neuróticas ou se equilibram de alguma maneira. Ou vai ou racha”

## A ORIGEM CATÓLICA

Possuía religião tradicional?



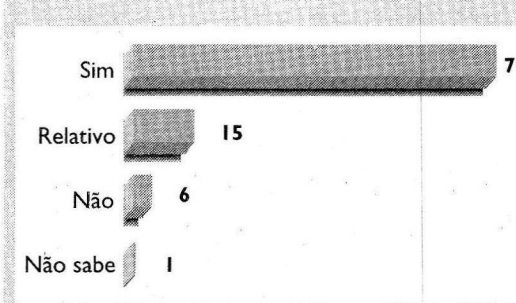
Se possuía, qual?



Fonte: Pesquisa Práticas Místicas e Esotéricas na capital do Brasil

## AO ENCONTRO DA PAZ

Encontrou o que buscava?



Vai continuar frequentando?



Fonte: Pesquisa Práticas Místicas e Esotéricas na capital do Brasil